

RANGEL, Marcelo Marques. Interferência de L1 em Produções em L2: o caso das orações relativas preposicionadas em português brasileiro. *Revista Intercâmbio*, v. XXXV: 68-82, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

## INTERFERÊNCIA DE L1 EM PRODUÇÕES EM L2: O CASO DAS ORAÇÕES RELATIVAS PREPOSICIONADAS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO E INGLÊS

### INTERFERENCE OF L1 IN L2 PRODUCTION: THE CASE OF PREPOSITIONAL RELATIVE CLAUSES IN BRAZILIAN PORTUGUESE AND ENGLISH

Marcelo Marques RANGEL  
(Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão da  
PUC-SP / COGEAE)  
rangelmarcelo@gmail.com

**RESUMO:** Questões sobre orações relativas formam um tema profícuo nos estudos linguísticos de modo geral. Por possuírem uma certa complexidade estrutural, o tema rende diversos estudos sobre sua estrutura e sua aquisição. O objetivo do presente trabalho é comparar as orações relativas preposicionadas em Inglês e em Português brasileiro com base em duas propostas de análises compatíveis, de modo a entender a natureza de certas produções em Inglês como segunda língua por falantes nativos de Português Brasileiro. A comparação das estruturas nos permitiu analisar essas produções em termos de interferência de L1 e levantar questionamentos relacionados a este trabalho para estudos futuros.

**PALAVRAS-CHAVE:** orações relativas preposicionadas; português brasileiro; bilinguismo; interferência; segunda língua

**ABSTRACT:** *Questions about relative clauses make up a widely prolific topic in linguistic studies. Since they bear some structural complexity, the topic yields several different studies on its structure and acquisition. The objective of the present paper is to compare the prepositional relative clauses in English and Brazilian Portuguese based on two compatible analyses, aiming at shedding light on the nature of some productions in English as a second language by native speakers of Brazilian Portuguese. The comparison of their structures allowed us to analyze these productions in terms of L1 interference and to raise further related questions to be pursued in the future.*

**KEYWORDS:** *prepositional relative clauses; Brazilian Portuguese; bilingualism; interference; second language.*

## 1. Introdução

As orações relativas são o foco de diversos estudos linguísticos, uma vez que elas exibem uma certa complexidade estrutural. Tal complexidade pode ser considerada como o “problema do pivô” (De Vries, 2002): essas construções apresentam um elemento pivô (o núcleo da relativa) que estabelece uma relação sintática e semântica na oração principal e na oração subordinada. Em (1a) e (1b), abaixo, *menino* e *boy* são tanto objeto na oração principal, quanto sujeito na oração subordinada. Isto é, *menino* e *boy* são a pessoa que foi vista e também a pessoa que chegou atrasada.

1.
  - a. Eu vi o *menino* que chegou atrasado.
  - b. I saw the *boy* that arrived late.

À primeira vista, as sentenças em Português brasileiro (doravante, PB) e Inglês acima parecem compartilhar a mesma estrutura sintática; podemos notar que uma serve como glosa para outra em (1). Uma das análises mais influentes é a de alçamento, proposta por Kayne (1994). De acordo com esta proposta, o núcleo da relativa é gerado dentro da oração subordinada e depois movido para uma posição mais alta na sentença, deixando um vestígio em sua posição original (Schachter, 1973; Kayne, 1994; Bianchi, 1999). Os exemplos em (2) poderiam ser analisados pelas estruturas de (1a-b).

2.
  - a. Eu vi o *menino*<sub>i</sub>[que [ *t*<sub>i</sub>chegou atrasado ]]
  - b. I saw the *boy*<sub>i</sub> [ that [ *t*<sub>i</sub>arrived late ]]

A análise das orações relativas preposicionadas segue o mesmo raciocínio nessa proposta: o núcleo relativizado é gerado dentro da oração subordinada e depois alçado. Com isso, a preposição também é alçada, aparecendo em uma posição mais alta na sentença. Por exemplo:

3.
  - a. O *menino* com quem eu discuti.
  - b. The *boy* with whom I argued.

Contudo, podemos observar assimetrias entre alguns tipos de relativas em PB e inglês. Os exemplos abaixo ilustram isso:

- 4.

RANGEL, Marcelo Marques. Interferência de L1 em Produções em L2: o caso das orações relativas preposicionadas em português brasileiro. *Revista Intercâmbio*, v. XXXV: 68-82, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

- a. \*...a *menina* que eu discuti com.
- b. ...the *girl* that I argued with.
- c. ...a *menina* que eu discuti.
- d. \*...the *girl* that I argued.
- e. ...a *menina* que eu discuti com ela.
- f. \*...the *girl* that I argued with her.

Podemos observar acima que, enquanto o PB não admite construções com uma preposição órfã, em inglês isto é possível (cf. (4a-b)). Notamos também que uma relativa em que a preposição é aparentemente apagada é lícita em PB, enquanto que em inglês isto não é possível (cf. (4c-d)). Por fim, vemos que a posição em que o núcleo da relativa foi gerado é preenchido por um pronome que retoma a referência do núcleo da relativa. Em inglês, esse tipo de construção não é válido (cf. (4e-f)).

Partindo desses dados, lançamos as seguintes perguntas:

- Como podemos analisar essa assimetria observada entre as relativas preposicionadas em PB e inglês?
- De onde vem essa assimetria observada nessas línguas?

O objetivo aqui é desenvolver uma resposta para as perguntas acima e refletir sobre o uso das construções agramaticais em (4d) e (4f) por falantes de inglês como segunda língua (L2).

Este artigo está organizado da seguinte maneira: na seção 2, apresento os pontos relevantes da análise de alçamento de Kayne (1994) para este trabalho e a proposta de análise unificada das relativas do PB de Kato e Nunes (2009). Em seguida, analiso relativas preposicionadas agramaticais (como em (4d) e (4f)) em inglês com base na seção anterior. Na seção 4, apresento alguns dados de aquisição das orações relativas do PB para oferecer uma resposta para a segunda pergunta deste trabalho. Por fim, na seção 5, apresento a conclusão.

## 2. A análise de alçamento e as relativas do PB

Partindo do trabalho de Vergnaud (1974), Kayne (1994) propõe que as orações relativas sejam analisadas com base no alçamento do núcleo relativo. No caso das relativas com um elemento-qu (como *which* e *who*), o núcleo da relativa é gerado dentro da oração relativa junto com um pronome relativo. Em seguida, esse constituinte é alçado para uma

posição mais alta na sentença. Finalmente, o núcleo da relativa é alçado para uma posição mais alta e o determinante *the* é concatenado à relativa. Os exemplos abaixo mostram como o alçamento ocorre. Podemos ver que a derivação das relativas preposicionadas inclui o alçamento de todo o constituinte preposicionado de dentro da oração relativa.

5. the picture which Bill saw
    - a. Bill saw [DP which picture ]
    - b. [CP[DP which picture ]<sub>i</sub> [ C<sup>0</sup> [ Bill saw [ t<sub>i</sub> ]]]]
    - c. the[CP[DP picture<sub>k</sub>[DP which t<sub>k</sub> ]]<sub>i</sub> [ C<sup>0</sup> [ Bill saw [ t<sub>i</sub> ]]]]
  6. the hammer with which Bill broke it
    - a. Bill broke it [PP with which hammer ]
    - b. [CP[PP with which hammer ]<sub>i</sub> [ C<sup>0</sup> [ Bill broke it [ t<sub>i</sub> ]]]]
    - c. the [CP[PP hammer<sub>k</sub> [PP with which t<sub>k</sub> ]]<sub>i</sub> [ C<sup>0</sup> [ Bill broke it [ t<sub>i</sub> ]]]]
- (Adaptado de Kayne, 1994: 88-90)

O inglês apresenta relativas com *that*, como exemplificado em (1). Kayne analisa o *that* nessas relativas como um complementizador gerado em uma posição alta na sentença e propõe que há apenas alçamento do núcleo da relativa.

7. the picture that Bill saw
    - a. Bill saw [ picture ]
    - b. the [ picture ]<sub>i</sub> [ that [ Bill saw [ t<sub>i</sub> ]]]]
- (Adaptado de Kayne, 1994: 87)

Vemos, no entanto, que existe um problema em (7a), a saber *saw picture* não forma um constituinte gramatical em inglês. A derivação da relativa não poderia partir de (7a). Para contornar esse problema, Bianchi (1999) sugere a existência de um determinante D<sub>rel</sub> nas relativas com *that* que é incorporado ao determinante externo. Desta forma, o constituinte alçado na relativa acima seria [D<sub>rel</sub>picture], tornando a construção lícita.

Neste momento, podemos nos perguntar sobre a estrutura das relativas do PB. Conforme ilustrado em (4), as relativas preposicionadas do PB e do Inglês se diferem superficialmente em alguns aspectos. Apenas em Inglês é possível utilizar uma preposição órfã (cf. (4a-b)), ao passo que apenas em PB é possível omitir a preposição ou utilizar um pronome que retomar a referência do núcleo da relativa, i.e. um pronome resumptivo (cf. (4c-f)). Além disso, o *que* aparece em todas as construções do PB, enquanto que *that* aparece em todas as construções do Inglês.

Kenedy (2002) argumenta a favor de uma análise que toma o *que* relativo como um complementizador, assim como *that* em inglês, e aponta uma diferença entre as relativas e as interrogativas-qu: a impossibilidade de ocorrência de dois pronomes "que" nas relativas.

- 8.
- a. O que que você viu?
  - b. \*a coisa que que você viu
  - c. Que livro que você leu?
  - d. \*o livro que que você leu
- (Kenedy, 2002: 84)

As interrogativas acima permitem a ocorrência de dois *ques* uma vez que o primeiro *que* é um pronome interrogativo, enquanto que o segundo *que* atua como um complementizador. Ou seja, eles ocupam lugares diferentes na sentença. Ao assumirmos que o *que* nas relativas é um complementizador, o núcleo da relativa ocuparia a posição de um pronome interrogativo. Isto é, não haveria uma posição disponível para o segundo *que*. Portanto, Kenedy (2002) assume que as orações relativas do PB apresentam um complementizador *que*.

Entretanto, os exemplos abaixo sugerem que o *que* relativo não se comporta exatamente como o complementizador *that* em inglês.

- 9.
- a. o martelo *que* eu usei
  - b. the hammer *that* I used
  - c. o martelo com *que* eu consertei isso
  - d. \*the hammer with *that* I fixed it
- (Rangel, 2017: 24)

Enquanto uma preposição pode preceder o *que* relativo em PB, o complementizador *that* não poder ser precedido por uma preposição nas relativas em Inglês. Além disso, é possível parafrasear (9c) apenas com a substituição do *que* relativo pelo pronome relativo *o qual* (o martelo com *o qual* eu consertei isso). Isso sugere que, na realidade, o *que* relativo em PB é um pronome relativo, não um complementizador como *that* em Inglês.<sup>1</sup>Essa é uma das motivações que guiam a análise unificada das orações relativas do PB em Kato (1993), revista em Kato e Nunes (2009).

---

<sup>1</sup> Cf. Kenedy (2002) para uma análise das relativas do PB em que o *que* relativo é tratado como um complementizador.

Essa análise envolve um determinante relativo, homófono com o complementizador *que* e o determinante-qu interrogativo do PB, e está de acordo com a proposta de alçamento de Kayne (1994). Isto é, há alçamento do constituinte relativo para uma posição mais alta na sentença. Desta forma, as estruturas das relativas em (9a) e (9c) são (10) e (11), respectivamente.<sup>2</sup>

10. o martelo que eu usei
- a. eu usei [DP que martelo ]
  - b. [CP [DP que martelo ]<sub>i</sub> [ C [ eu usei [ t<sub>i</sub> ] ] ] ]
  - c. o [CP [DP martelo<sub>k</sub> [DP que t<sub>k</sub> ]<sub>i</sub>] [ C [ eu usei [ t<sub>i</sub> ] ] ] ]
11. o martelo com que eu consertei isso
- a. eu consertei isso [PP com [DP que martelo ] ]
  - b. [CP [PP com [DP que martelo ] ]<sub>i</sub> [ C [ eu consertei isso [ t<sub>i</sub> ] ] ] ]
  - c. [CP [PP com [DP martelo<sub>k</sub> [DP que t<sub>k</sub> ] ] ]<sub>i</sub> [ C [ eu consertei isso [ t<sub>i</sub> ] ] ] ]
  - d. o [CP [PP martelo<sub>k</sub> [PP com [DP t<sub>k</sub> [DP que t<sub>k</sub> ] ] ] ]<sub>i</sub> [ C [ eu consertei isso [ t<sub>i</sub> ] ] ] ]

(Adaptado de Rangel, 2017: 25)

Apesar de a derivação em (11) resultar em uma construção lícita em PB, seu uso não é frequente, restringindo-se aos registros mais formais e à escrita. Diversos trabalhos identificam a presença de estratégias não-padrão das relativas em PB (Tarallo, 1983; Corrêa, 1998; Grolla, 2000; Perroni, 2001; Lessa de Oliveira, 2008; Kenedy, 2010; Rangel, 2017). Essas estratégias podem apresentar uma lacuna, ou um aparente apagamento da preposição (cf. (4c)), ou o uso de um pronome resumptivo (cf. (4e)). A relativa em (11), em suas formas não-padrão com uma lacuna e um pronome resumptivo, seria respectivamente (12a) e (12b):

- 12.
- a. o martelo que eu consertei isso
  - b. o martelo que eu consertei isso com ele

Para entendermos a estrutura dessas relativas, partiremos de uma observação em Kato (1993), que vê uma certa semelhança entre essas relativas e elementos deslocados à esquerda: ambos podem ser retomados por um pronome resumptivo ou uma lacuna.

---

<sup>2</sup> O leitor pode se perguntar sobre alguns detalhes das estruturas apresentadas, como o determinante estar em uma posição externa à oração relativa ou o uso de adjunção em vez de concatenação. Para uma apresentação mais detalhada, cf. Kato e Nunes (2009) e as referências lá citadas.

13.

- a. [esse livro]<sub>i</sub>, eu comprei *ele*<sub>i</sub>/\_\_\_\_<sub>j</sub> ontem
- b. [esse livro]<sub>i</sub>, eu estava precisando *dele*<sub>i</sub>/\_\_\_\_<sub>j</sub> ontem
- c. [esse livro]<sub>i</sub>, eu entrevistei a pessoa que escreveu *ele*<sub>i</sub>/\_\_\_\_<sub>j</sub>
- d. [esse livro]<sub>i</sub>, eu falei com um aluno que estava precisando *dele*<sub>i</sub>/\_\_\_\_<sub>j</sub> ontem

(Adaptado de Kato e Nunes, 2009: 109)

Os exemplos acima não indicam movimento do elemento deslocado à esquerda. O constituinte *esse livro* em (13a) e (13c) é interpretado como complemento de *escreveu*, enquanto que em (13b) e (13d) *esse livro* é complemento de *precisando*, um verbo que pede a preposição *de*. Como o elemento deslocado à esquerda não possui uma preposição, é possível analisar a lacuna da posição relativizada como um pronome resumptivo nulo *pro*.

Se o núcleo da relativa não é alçado de dentro da relativa e a posição em que ele é interpretado está preenchida por um pronome resumptivo pronunciado ou nulo, é preciso definir a posição em que o núcleo relativo é gerado antes de ser alçado para uma posição mais alta na sentença, sem perder a essência da proposta de Kayne (1994).

A análise em Kato e Nunes (2009) para as relativas preposicionadas não-padrão propõe que o núcleo relativo seja gerado em uma posição de deslocamento à esquerda (LD) e, assim como nas relativas em (10) e (11), o constituinte relativizado seja alçado para uma posição mais alta na sentença. Na posição em que o núcleo da relativa é interpretado, há um pronome resumptivo. A diferença entre as estratégias não-padrão em PB está no tipo de pronome resumptivo, que pode ser pronunciado ou nulo. Os exemplos abaixo ilustram as estruturas das relativas preposicionadas não-padrão em PB.

14. o livro que você vai precisar dele

- a. [<sub>LD</sub> [<sub>DP</sub> que livro ]<sub>k</sub> [você vai precisar dele<sub>k</sub> ]]
- b. [<sub>CP</sub> [<sub>DP</sub> que livro ]<sub>k</sub> [<sub>CP</sub> C [<sub>LD</sub> t<sub>k</sub> [ você vai precisar dele<sub>k</sub> ]]]]
- c. o [<sub>CP</sub> [<sub>DP</sub> livro<sub>i</sub> [<sub>DP</sub> que t<sub>i</sub> ]]<sub>k</sub> [<sub>CP</sub> C [<sub>LD</sub> t<sub>k</sub> [ você vai precisar dele<sub>k</sub> ]]]]

15. o livro que você estava precisando

- a. [<sub>LD</sub> [<sub>DP</sub> que livro ]<sub>k</sub> [ você estava precisando *pro*<sub>k</sub> ]]
- b. [<sub>CP</sub> [<sub>DP</sub> que livro ]<sub>k</sub> [<sub>CP</sub> C [<sub>LD</sub> t<sub>k</sub> [ você estava precisando *pro*<sub>k</sub> ]]]]
- c. o [<sub>CP</sub> [<sub>DP</sub> livro<sub>i</sub> [<sub>DP</sub> que t<sub>i</sub> ]]<sub>k</sub> [<sub>CP</sub> C [<sub>LD</sub> t<sub>k</sub> [ você estava precisando *pro*<sub>k</sub> ]]]]

(Adaptado de Kato e Nunes, 2009: 114-115)

O uso dessas estratégias é muito comum em PB infantil e adulto.

RANGEL, Marcelo Marques. Interferência de L1 em Produções em L2: o caso das orações relativas preposicionadas em português brasileiro. *Revista Intercâmbio*, v. XXXV: 68-82, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Os dados do estudo experimental em Rangel (2017) indicam que as relativas contendo uma preposição em PB são amplamente preteridas em favor das estratégias não-padrão. De fato, em um estudo sobre a produção oral e escrita de relativas em PB, Corrêa (1998)<sup>3</sup> sugere que as relativas que contêm uma preposição são aprendidas apenas nos anos finais do Ensino Médio, mas nem sempre são usadas espontaneamente. Ou seja, essas relativas requerem o ensino formal de sua estrutura e uso.<sup>4</sup>

### 3. As orações relativas preposicionadas em inglês como L2

Nesta seção, voltamos nossa atenção à primeira pergunta deste trabalho: a análise da assimetria observada entre as relativas preposicionadas em PB e inglês, e apresentada em (4).

Em inglês, as relativas preposicionadas podem se manifestar de três maneiras diferentes, exemplificadas abaixo.

16.

- a. the girl with whom I argued
- b. the girl who I argued with
- c. the girl (that) I argued with

Em (16a), observamos uma construção muito parecida com a relativa preposicionada padrão do PB. A preposição precede o elemento-qu relativo (*with whom*) e o núcleo da relativa (*girl*) é interpretado na posição de objeto do verbo principal (*argued*). Já em (16b), observamos que a preposição permanece *in situ*, enquanto o elemento-qu relativo (*who*) e o núcleo da relativa precedem a relativa.

Ao imaginarmos que as orações relativas são derivadas via alçamento, como apresentado na seção anterior, as relativas em (16a) e (16b) podem ser estruturadas da seguinte forma:<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup>O estudo de Corrêa (1998) conta com dados de informantes entre não escolarizados, alunos do Ensino Fundamental e Médio, alunos universitários e professores.

<sup>4</sup> Em um estudo sobre as relativas em italiano e francês, Guasti e Cardinaletti (2003) sugerem que a aquisição das relativas preposicionadas ocorre por meio de um processo parecido com a aprendizagem de uma segunda língua.

<sup>5</sup> A derivação em (17a) inicia com o DP *which girl*, uma vez que *who(m) girl* não forma um constituinte gramatical em inglês. Em sua análise de alçamento, Kayne (1994: 154) segue uma sugestão de Giuliana Giusti, na qual *who(m)* pode ser tomado como uma forma de *which* que aparece sob concordância com um traço [+humano]. Sobre esse



17. the girl with whom I argued
- I argued [PP with [DP which girl ]]
  - [CP [PP with [DP which girl ]]<sub>i</sub> [ C [ I argued [ t<sub>i</sub> ]]]]
  - [CP [PP with [DP girl<sub>k</sub> [DPwhicht<sub>k</sub> ]]]<sub>i</sub> [ C [ I argued [ t<sub>i</sub> ]]]]
  - the [CP [PP girl<sub>k</sub> [PPwith [DPT<sub>k</sub> [DPwhomt<sub>k</sub> ]]]]<sub>i</sub> [ C [ I argued [ t<sub>i</sub> ]]]]
18. the girl who I argued with
- I argued [PP with [DP which girl ]]
  - [CP [DP which girl ]<sub>i</sub> [ C [ I argued [PP with t<sub>i</sub> ]]]]
  - [CP [DP girl<sub>k</sub> [DP which t<sub>k</sub> ]]<sub>i</sub> [ C [ I argued [PP with t<sub>i</sub> ]]]]
  - the [CP [PP girl<sub>k</sub> [DPT<sub>k</sub> [DPwhot<sub>k</sub> ]]]]<sub>i</sub> [ C [ I argued [PP witht<sub>i</sub> ]]]]

De acordo com Roeper (2003), falantes nativos de inglês preferem utilizar relativas com uma preposição órfã, apesar de essas duas construções serem possíveis na língua. Isso se deve, segundo o autor, devido a uma menor complexidade para a checagem de traços em uma estrutura com uma preposição órfã (em comparação a uma estrutura envolvendo o alçamento da preposição).<sup>6</sup>

Finalmente, com relação ao exemplo (16c), também podemos analisá-lo com base na proposta de alçamento, obtendo a seguinte derivação:

19. the girl (that) I argued with
- I argued [PP with [DPD<sub>rel</sub> girl ]]
  - [CP [DPD<sub>rel</sub> girl ]<sub>i</sub> [CP(that) [ I argued [PP with t<sub>i</sub> ]]]]
  - D<sub>rel</sub> + the [CP [DPT<sub>Drel</sub> girl ]<sub>i</sub> [CP(that) [ I argued [PP with t<sub>i</sub> ]]]]

A derivação acima resulta em uma construção com uma preposição órfã. Caso a preposição tivesse sido alçada, a sentença seria agramatical (*\*the girl with (that) I argued*). Portanto, em Inglês há três possíveis estruturas para as relativas preposicionadas, sendo que duas delas são mais frequentes, a saber as relativas com uma preposição órfã.

Frequentemente, aprendizes de Inglês como L2 produzem relativas preposicionadas com um pronome resumptivo ou sem uma preposição.

---

tipo de concordância nas relativas, cf. Kayne (1994), Guasti (2002), Kato e Nunes (2009) e as referências lá citadas.

<sup>6</sup> Foge ao escopo deste trabalho detalhar a fundamentação da análise de Roeper (2003), em que o autor explora a distância entre dois constituintes para a checagem de traços sintáticos, relacionando-a com casos de agramaticalidade e de preferências de falantes de inglês. Cf. Fitzpatrick (2002) e Roeper (2003), e as referências lá citadas.

RANGEL, Marcelo Marques. Interferência de L1 em Produções em L2: o caso das orações relativas preposicionadas em português brasileiro. *Revista Intercâmbio*, v. XXXV: 68-82, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Alguns exemplos seguem abaixo:<sup>7</sup>

20.

- a. \*the girl that I talked to *her* yesterday
- b. \*all the people that I agree with *them*
- c. \*the cards that I cut *them* out
- d. \*the girl that I told you \_\_\_\_
- e. \*the restaurant that I ate \_\_\_\_ yesterday
- f. \*the song that I was listening \_\_\_\_

Como apresentado anteriormente, as construções em (20) são agramaticais em Inglês. O uso de um pronome resumptivo aberto, como em (20a-c), ou nulo, como em (20d-f), não é permitido nessa língua. As estratégias esperadas aqui seriam aquelas em que encontramos uma preposição órfã.

O que parece estar em jogo em (20) é o uso da estrutura das relativas preposicionadas não-padrão do PB. É possível supor que as estruturas subjacentes usadas em produções como essas sejam aquelas apresentadas em (14) e (15), onde a única diferença é a realização do pronome resumptivo (pronunciado ou nulo). Portanto, o constituinte relativizado nessas construções é alçado de uma posição de LD, como em PB, não de dentro da oração relativa, como ocorre em Inglês.

Logo, podemos concluir que as orações relativas preposicionadas do Inglês são tão difíceis para falantes de PB como as relativas preposicionadas padrão da língua. A produção dessas construções em Inglês por falantes de PB está sujeita a interferência. Isto é, podemos esperar o uso da estrutura das relativas não-padrão do PB na produção dessas relativas em Inglês por aprendizes da língua.

#### 4. Alguns dados de aquisição das relativas do PB

Nesta seção, apresentamos alguns dados de aquisição das relativas do PB de modo a analisar a assimetria observada entre as relativas preposicionadas do Inglês e do PB.

---

<sup>7</sup> Em condições ideais, este trabalho traria dados experimentais, provenientes de tarefas de eliciação com diferentes informantes (aprendizes com níveis de proficiência variados, crianças e adultos). Contudo, em vista do escopo deste trabalho e da limitação de tempo a realização de uma pesquisa como esta, os dados são baseados na experiência do autor em formação de professores de Inglês e suas dificuldades com a língua.

Conforme apresentado anteriormente, as relativas não-padrão do PB possuem uma certa semelhança com as construções de deslocamento a esquerda: ambas as construções contêm um elemento resumptivo, pronunciado ou nulo, que se refere ao constituinte em uma posição mais alta na sentença. Grolla (2000) analisa dados longitudinais de uma criança adquirindo PB e sugere que a aquisição dos elementos resumptivos em PB segue um padrão peculiar.<sup>8</sup> No que diz respeito à aquisição de resumptivos abertos, a criança os usará em contextos em que a sentença seria agramatical sem sua presença.

21. ...porque lá tem aquela cobrinha que as muler dança \*(*nela*).  
(Adaptado de Grolla, 2000: 72)

Por sua vez, a aquisição de resumptivos nulos leva mais tempo, pois isso depende de uma análise mais detalhada de construções envolvendo uma lacuna. Isto é, a criança ainda não sabe quando uma lacuna se refere a um vestígio de movimento ou um pronome resumptivo nulo. Durante esse período, não há produção de relativas com um resumptivo em contextos de aparente livre alternância entre resumptivo aberto e lacuna, como exemplificado abaixo.

22.  
a. Esse livro, eu conheço [uma menina que já leu ele dez vezes].  
b. Esse livro, eu conheço [uma menina que já leu \_\_\_ dez vezes].  
c. Esse é o livro que o João conhece [a autora que escreveu ele].  
d. Esse é o livro que o João conhece [a autora que escreveu \_\_\_].  
(Grolla, 2000: 67)

Quando a criança adquire os pronomes resumptivos nulos, essas construções se tornam lícitas na gramática infantil. Nesse momento, a criança também começa a produzir resumptivos nulos correspondentes a todo um constituinte preposicionado.

23.  
a. Nenhum brinquedo eu brinco \_\_\_\_.  
b. Essa boneca eu vou brincar o dia inteiro \_\_\_\_.  
(Adaptado de Grolla, 2000: 73)

As lacunas acima correspondem a um PP (i.e. um sintagma preposicional), uma vez que o verbo *brincar* seleciona um complemento preposicionado. Essas lacunas são cor-referentes aos constituintes deslocados à esquerda *Nenhum brinquedo* em (23a) e *Essa boneca* em

---

<sup>8</sup> No caso, Grolla se refere aos pronomes resumptivos em dependências-A'.

RANGEL, Marcelo Marques. Interferência de L1 em Produções em L2: o caso das orações relativas preposicionadas em português brasileiro. *Revista Intercâmbio*, v. XXXV: 68-82, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

(23b), que não são constituintes preposicionados. Essa falta de identidade categorial sugere que nessas construções não há alçamento de PP. Portanto, é possível dizer que a lacuna é, na realidade, um pronome resumptivo nulo (*pro*), como o pronome *lhe*<sup>9</sup>.

Como vimos anteriormente, as relativas preposicionadas não-padrão contam com um pronome resumptivo aberto ou nulo. Um possível *trigger* para a aquisição dessas relativas em PB são construções em que há uma falta de identidade categorial entre dois elementos correferentes: um deslocado à esquerda e um outro dentro da sentença (Rangel, 2017).

Com isso, podemos responder a segunda pergunta deste trabalho. A assimetria observada entre as orações relativas preposicionadas do Inglês e do PB ocorre devido às possibilidades oferecidas por essas línguas. Enquanto em Inglês as relativas podem conter uma preposição órfã, em PB as relativas podem conter um pronome resumptivo aberto ou nulo. Como as relativas envolvendo o alçamento de preposição são adquiridas tardiamente em PB (Corrêa, 1998) e preteridas em favor de outro tipo de construção em Inglês (Roeper, 2003), as relativas preposicionadas mais usadas nessas línguas são aquelas em que não se verifica movimento da preposição junto ao constituinte relativizado.

## 5. Considerações finais

Neste trabalho, exploramos algumas características das relativas preposicionadas do PB com base na análise unificada das orações relativas do PB em Kato e Nunes (2009). Em seguida, analisamos as relativas com uma preposição órfã em Inglês com base em Kayne (1994). Logo após, comparamos essas duas análises das relativas preposicionadas em PB e Inglês para explicar algumas construções observadas na produção de orações relativas preposicionadas em Inglês como L2, sugerindo que há interferência do PB nas relativas em Inglês como L2. Por fim, concluímos que um possível *trigger* para a aquisição das relativas preposicionadas não-padrão em PB são construções em que verificamos falta de identidade categorial entre um elemento deslocado à esquerda e outro dentro da sentença.

Há questões que podem ser exploradas partindo deste trabalho. Uma delas é a validação experimental dos exemplos utilizados aqui. Uma

---

<sup>9</sup> O pronome *lhe* em "A Maria *lhe* deu um presente." substitui "para você" ou "para ele". Ou seja, o resumptivo nulo *pro* dessas construções substitui um PP.

RANGEL, Marcelo Marques. Interferência de L1 em Produções em L2: o caso das orações relativas preposicionadas em português brasileiro. *Revista Intercâmbio*, v. XXXV: 68-82, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

pesquisa envolvendo a eliciação de relativas preposicionadas em Inglês como L2 por falantes nativos de PB pode contribuir para essa discussão. Uma outra possibilidade de estudo é a análise da produção de diferentes tipos de relativas preposicionadas do Inglês como L2, como a relativização de elementos genitivos vs. elementos locativos e **argumentos preposicionados vs. adjuntos preposicionados**.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLETTI, Adriana. Aspects of the low IP area. In: RIZZI, Luigi. (ed.) *The structure of CP and IP*, Oxford University Press. 2005. p. 16-51.

BIANCHI, Valentina. *Consequences of antisymmetry: headed relative clauses*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1999.

\_\_\_\_\_. The raising analysis of relative clauses: a reply to Borsley. *Linguistic Inquiry*, Cambridge v. 31, n. 1, p.123-140, 2000.

CHOMSKY, Noam. On wh-movement. In: CULICOVER, P. W., WASOW, Thomas & AKMAJIAN, Adrian (eds.). *Formal Syntax*. New York. 1977. p. 71-132.

\_\_\_\_\_. *Lectures on Government and Binding*, Dordrecht: Foris. 1981.

\_\_\_\_\_. *The minimalist program*. Cambridge: MIT Press. 1995.

CORRÊA, Vilma Reche. *Oração Relativa: O que se fala e o que se aprende no português brasileiro*. 1998. 165f. Tese (Doutorado em Linguística). – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

COSTA, João; FRIEDMANN, Naama; SILVA, Carolina & YACHINI, Maya. The boy that the chef cooked: Acquisition of PP relatives in European Portuguese and Hebrew. *Lingua*. v. 150, p. 386-409. 2014.

DE VRIES, Mark. *The syntax of relativization*. Utrecht: LOT, 2002.

FITZPATRICK, Justin M. On Minimalist Approaches to the Locality of Movement. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v. 33, n.3, p. 443-463, 2002.

GROLLA, Elaine. *Aquisição da periferia esquerda da sentença em português brasileiro*. 2000. 95f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas,

RANGEL, Marcelo Marques. Interferência de L1 em Produções em L2: o caso das orações relativas preposicionadas em português brasileiro. *Revista Intercâmbio*, v. XXXV: 68-82, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Campinas, 2000.

\_\_\_\_\_. Pronomes resumptivos em português brasileiro adulto e infantil. São Paulo: *DELTA*, São Paulo, v. 21, n. 2, p.167-182. 2005.

GROLLA, Elaine & AUGUSTO, Marina R. A. Pronomes resumptivos em português brasileiro infantil: dados de produção e compreensão. *Revista de Letras da UFF*, 49, p. 133-154. 2014.

GUASTI, Maria Teresa. *Language Acquisition: The Growth of Grammar*. Cambridge: MIT Press, 2002.

GUASTI, Maria Teresa. & CARDINALETTI, Anna. Relative clause formation in Romance child production. *Probus*, 15, p. 47-88. 2003.

HAEGEMAN, Liliane. *Introduction to Government and Binding theory*. Cambridge: Blackwell. 1995.

KATO, Mary A. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica, In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 223-261.

KATO, Mary A. & NUNES, Jairo. A uniform raising analysis for standard and nonstandard relative clauses in Brazilian Portuguese. In NUNES, Jairo (org.). *Minimalist essays on Brazilian Portuguese syntax*, Amsterdam: John Benjamins, 2009. p. 93-120.

KAYNE, Richard S. *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge: The MIT Press; 1994.

KENEDY, Eduardo. *Aspectos estruturais da relativização em português: uma análise baseada no modelo raising*. 2002. 158f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. As relativas preposicionadas padrão são naturais aos falantes do português brasileiro? Evidências de pesquisa experimental em psicolinguística. *Via Litterae*, v. 2, n. 1, p. 58-74, 2010.

LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana. *As sentenças relativas em português brasileiro: aspectos sintáticos e fatos de aquisição*. 2008. 197f. Tese (Doutorado em Linguística). – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

RANGEL, Marcelo Marques. Interferência de L1 em Produções em L2: o caso das orações relativas preposicionadas em português brasileiro. *Revista Intercâmbio*, v. XXXV: 68-82, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

MCKEE, Cecile & MCDANIEL, Dana. Resumptive pronouns in English relative clauses. *Language acquisition*, n. 9, p. 113-156. 2001.

PERRONI, Maria Cecília. As relativas que são fáceis na aquisição do português brasileiro. *DELTA*, São Paulo. v. 17, n.1, p. 59-79. 2001.

RANGEL, Marcelo Marques. *O traço de animacidade e as estratégias de relativização em português brasileiro infantil: um estudo experimental*. 2017. 178f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

ROEPER, Thomas. Multiple grammars, feature-attraction, pied-piping, and the question is AGR inside TP? In: MÜLLER, N. (ed.) *(In)vulnerable domains in multilingualism*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 335-360.

TARALLO, Fernando. Relativization strategies in Brazilian Portuguese. 1983. 273f. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Pennsylvania, Pennsylvania, Philadelphia, 1983.

VERGNAUD, Jean Roger. *French relative clauses*. 1974. 288f. Tese (Doutorado em Linguística) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 1974.